




TURISMO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: UMA ANÁLISE NO DESTINO TURÍSTICO TRANCOSO (PORTO SEGURO/BA)

TOURISM AND SOCIO-SPATIAL SEGREGATION: AN ANALYSIS IN THE TOURIST DESTINATION TRANCOSO (PORTO SEGURO/BA)

Jean Carlos Estanislau Ferreira - UFRN^{*1}

Henrique Rodrigues de Araújo - UFRN^{*2}

Mirella Costa Barbosa - UFRN^{*3}

Palavras-Chave	Resumo
<p>Segregação socioespacial. Turismo. Espaço turístico. Trancoso.</p> <div data-bbox="165 1106 403 1364"><p>ISSN 2594-8407</p><p>Licenciada por Creative Commons Atribuição Não Comercial/Sem Derivações / 4.0/</p></div>	<p>A segregação socioespacial é fruto da desigualdade social, sendo caracterizada pela marginalização dos indivíduos no espaço, de modo que são direcionados para localidades distantes dos centros e de áreas valorizadas pelo mercado para outras que normalmente possuem defasagens quanto aos serviços básicos e infraestruturas necessárias. Diante disso, a presente pesquisa teve por objetivo identificar os aspectos da segregação socioespacial entre os espaços turísticos e bairros do distrito de Trancoso, em Porto Seguro na Bahia. Para isso, fez-se necessário uma revisão literária acerca da segregação socioespacial e turismo. A metodologia utilizada se deu com base na pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo onde foram descritos por meio da observação direta não participante e comparados alguns bairros, como: Quadrado, Centro, Trancosinho, Maria Viúva e Mirante do Rio Verde. Identificaram-se diversos aspectos, sendo eles: calçamento das ruas, coleta de lixo, fornecimento de água, esgotamento sanitário e perfil das residências, que se modificam ou inexistem, a medida em que se afasta do espaço turístico Quadrado em direção aos demais bairros. Além disso, desvendou-se que Trancoso, como um todo, é segregado em relação à sede Porto Seguro, de modo que a gestão pública abre brechas para o mercado turístico que assume um papel de verticalidade sobre o distrito, interferindo convenientemente em obras e serviços. Notou-se que dentro do próprio lugar segregado existem segregações, as verticalidades que ocupam o Quadrado fazem dele um local estruturalmente privilegiado em relação aos outros bairros ou horizontalidade. Desse modo é o local que possui a maior atenção do poder público, por se tratar de um espaço turístico.</p>



Keywords	Abstract
<p>Socio-spatial Segregation. Tourism. Tourist space. Trancoso.</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Submetido em: 11/10/2023 Aprovado em: 20/11/2023 Publicado em: 15/12/2023</p> <p>Editor: Izac Bonfim</p> </div>	<p><i>Socio-spatial segregation is the result of social inequality, being characterized by the marginalization of individuals in space, so that they are directed to locations far from centers and from areas valued by the market to others that normally have gaps in terms of basic services and necessary infrastructure. Given this, the present research aimed to identify aspects of socio-spatial segregation between tourist spaces and neighborhoods in the district of Trancoso, in Porto Seguro, Bahia. To achieve this, a literary review on socio-spatial segregation and tourism was necessary. The methodology used was based on bibliographical research and field research where some neighborhoods were described through direct non-participant observation and compared, such as: Quadrado, Centro, Trancosinho, Maria Viúva and Mirante do Rio Verde. Several aspects were identified, including: street paving, garbage collection, water supply, sewage disposal and the profile of residences, which change or no longer exist as you move away from the Quadrado tourist area towards other neighborhoods. Furthermore, it was revealed that Trancoso as a whole is segregated in relation to the Porto Seguro headquarters, so that public management opens gaps for the tourist market, which assumes a vertical role in the district, conveniently interfering in works and services. It was noted that within the segregated place itself there are segregations, the verticalities that occupy the Quadrado make it a structurally privileged place in relation to other neighborhoods or horizontalities, thus it is the place that receives the greatest attention from the public authorities, as it is a a tourist space.</i></p>

Como Citar (APA):
Ferreira, J. C. E.; Araújo, H. R. de. & Barbosa, M. C. (2024). Turismo e segregação socioespacial: uma análise no destino turístico Trancoso (Porto Seguro/BA). *Ateliê do Turismo*. 8 (1). 1-26. <https://doi.org/10.55028/at.v8i1.19640>



INTRODUÇÃO

A segregação socioespacial se dá, principalmente, por uma estrutura hegemônica verticalizada, onde os indivíduos detentores do poder, mediados por uma estrutura capitalista, sustentada pelas relações do trabalho, fazem uso do espaço com base em um sistema reprodutor de desigualdades sociais.

Essa estrutura faz uso desses locais e coloca valor sobre eles, ao mesmo tempo aqueles que não possuem condições financeiras que condizem com a nova organização do espaço são marginalizados pelo processo de segregação socioespacial, convivendo em locais que carecem do básico, crescendo em horizontalidades contíguas, distantes dos centros e das áreas nobres e valorizadas que possuem os principais meios de consumo coletivo e infraestruturas (Santos, 2006).

O turismo, que tem como característica o consumo do próprio espaço, quando mal planejado, é um dos condutores da segregação socioespacial ao utilizar um espaço original para implantar produtos e serviços, aumentando os valores, mudando significados e retirando a população do seu local de origem (Krippendorf, 2000; Meliani, 2011; Roscoche, 2013).

Em vista disso, Trancoso, um distrito turístico do Município de Porto Seguro, localizado na Costa do Descobrimento na Bahia é conhecido internacionalmente por suas belas praias e patrimônio cultural vinculados ao turismo de luxo, teve rápida expansão, saindo de pequena aldeia, com casas simples, restrita aos moradores nativos, para local globalizado pelo desenvolvimento da atividade turística. Desse modo, ramificando diversas periferias para onde foram direcionadas a população autóctone, levando ao seguinte questionamento: Quais são os aspectos da segregação socioespacial entre os espaços turísticos e bairros de Trancoso?

A pesquisa justifica-se, pois, em seu decorrer pôde-se identificar quais são os aspectos da segregação socioespacial existentes em Trancoso, bem como a relação dos mesmos com o desenvolvimento da localidade, transformando-se em um instrumento futuro para criação de políticas públicas de melhoria de vida dos habitantes do destino e de localidades turísticas que refletem problemáticas semelhantes. Além disso, contribui para um arcabouço literário sobre segregação socioespacial e turismo.

Tomou-se como objetivo identificar os aspectos da segregação socioespacial local, bem como descrever os bairros estudados e entender a relação da problemática com turismo. Para a metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo, sendo de natureza



descritiva e exploratória, bem como uma abordagem com método qualitativo. A coleta de dados ocorreu por meio da observação direta não participante entre os meses de outubro a dezembro de 2022 nos bairros do Quadrado e Centro, que são os espaços turísticos e representam as verticalidades, bem como no Trancosinho, Maria Viúva e Mirante do Rio Verde, que neste estudo são os espaços considerados como horizontalidades e abrigam a maior parcela da população marginalizada.

O desenvolvimento do trabalho se dá por meio das contextualizações sobre segregação socioespacial, as relações da mesma com o turismo, os procedimentos metodológicos detalhados, os resultados e a conclusão.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Para compreender a segregação socioespacial na atualidade, faz-se necessário analisar os conceitos de horizontalidade e verticalidade, propostos por Milton Santos. A horizontalidade está baseada na estruturação do espaço, de forma contínua e contígua, em que todos buscam o domínio das técnicas e cooperam entre si, para o desenvolvimento social equitativo. Enquanto as verticalidades se caracterizam pelas subdivisões de um espaço, por um grupo hegemônico global que interfere no espaço local, responsável de forma isolada, pelo ordenamento desigual na sociedade (Santos, 2006).

A substituição da mão de obra pela tecnologia, o aumento de empregos informais aliado às más condições de emprego formal e as regulamentações econômicas de uma atual estrutura verticalizada, foram fatores que aumentaram o número de moradias informais, ou as horizontalidades, espalhadas pelas margens das cidades (Roma, 2008; Santos, 2006).

Sair do espaço original implica aos grupos sociais não somente a modificação do solo, como também nas raízes culturais que definem as singularidades do povo (Rodrigues, 2020). A interação com o espaço faz com que os indivíduos se sintam pertencentes e representados, contudo, o “[...] rompimento brusco da relação de um sujeito com o seu espaço de origem e/ou cotidiano pode trazer um processo de anulação social desse indivíduo” (Rodrigues, 2020, p. 6).

Para Lefebvre (1999), o processo de segregação é uma das estratégias do capitalismo para transformar o uso do solo em mercadoria. Agentes sociais valorizam determinado local, geralmente os que têm beleza cênica relevante, que possuem determinada estrutura ou são próximos dos equipamentos urbanos, estipulando um valor pela terra. O mercado imobiliário, um dos agentes responsáveis por supervalorizar a terra, em um

4



processo de especulação imobiliária, estigmatiza espaços, levando a criação de empreendimentos nesses locais, posteriormente valorizados por serem áreas comerciais (Gesteira, 2019).

Gesteira (2019), faz uma análise histórica com relação à especulação imobiliária, ao pontuar que os latifundiários, quando conseguiam as terras por meios lícitos ou ilícitos, arrendavam partes para outros indivíduos que queriam utilizá-las para os mais diversos fins. Aqueles que optaram por terras férteis, próxima aos rios e vilas, pagavam um valor maior do que as terras com baixa fertilidade. Essa lógica ultrapassa do rural para o urbano. Regiões de primazia comercial, paisagística e espacial, são privilegiadas e tidas como as de maior valor aquisitivo.

Dessa forma, a estrutura hegemônica verticalizada, propagada na atualidade, traz “desordem aos subespaços em que se instalam e a ordem que criam é em seu próprio benefício” (Santos, 2006, p. 194). Assim, o solo é delimitado conforme seu valor, não abarcando todas as realidades dos indivíduos que vivem no território.

Com o tempo e o esgotamento dessas terras, restou à população mais pobre ocupar as únicas áreas onde estariam a salvo da ação do mercado: as áreas de proteção ambiental, como as beiras de córregos, os mananciais e as encostas (Ferreira, 2005, p. 15). Desse modo, as localidades crescem como horizontalidades, levando os indivíduos para um processo de segregação e adaptação ao novo espaço (Santos, 2006). Aqueles menos abastados economicamente, não podem escolher morar bem, mesmo que queiram, pois estão seguindo o fluxo de uma estrutura que os direciona quanto ao uso do espaço.

Segregação socioespacial e turismo

O turismo vem crescendo significativamente, principalmente após a Revolução Industrial e a aquisição dos direitos trabalhistas. É responsável pela geração de diversos empregos diretos e indiretos em pequenas, médias e grandes cidades, bem como aliado para preservação do meio ambiente, da cultura e das tradições locais. Além de ser promotor do desenvolvimento social, da paz e respeito entre os povos (Ignarra, 1999; Malta, Braga & Barbosa, 2019).

Se bem planejado, contribui para o desenvolvimento sustentável das localidades. Contudo, se não há planejamento, a economia é tida como viés principal, o que é o caso da maior parte dos destinos brasileiros, onde os impactos negativos são gerados na comunidade receptora, entre eles a segregação socioespacial (Ignarra, 1999; Beni, 2012; Malta, Braga & Barbosa, 2019).



O turismo é praticado tanto em ambientes rurais, quanto em áreas urbanas, enquanto a segregação socioespacial é vista, principalmente, sobre a ótica do tecido urbano (Roscoche, 2013). Todavia, Roscoche (2013) compreende que mesmo quando se tem o espaço natural ou rural como *locus* de consumo da atividade turística, ainda assim há uma interdependência de um núcleo urbano, com objetivo do fornecimento de grande parte da infraestrutura necessária para que a atividade aconteça.

Beni (2012) informa que uma das peculiaridades do setor do turismo é o fato dele ser um fenômeno, que tem como fruto o consumo do próprio espaço visitado. O mesmo autor pontua que à medida que esse espaço ganha notoriedade e maior fluxo de visitação, novos equipamentos e infraestruturas vão sendo construídas, aumentando gradativamente os valores das terras e dos imóveis devido à especulação imobiliária.

No que tange ao consumo dos espaços, Roscoche (2013) configura assimetrias, quanto à segregação socioespacial em cidades industriais e cidades turísticas. Enquanto a primeira é pautada sob a divisão trabalhista alimentada pelo interesse capital, refletindo na proximidade ou não proximidade com os locais de produção, a segunda também parte do interesse capital, mas dessa vez não pela produção e sim sistematizado pela oferta de serviços nas paisagens de interesse turístico, valorizando e desvalorizando espaços (Roscoche, 2013).

Ferreira (2005); Fratucci (2014) e Pereira & Sancho-Pivoto (2020) identificam os turistas, empresários, poder público, trabalhadores diretos e indiretos e população local como os agentes sociais que estão envolvidos no turismo. Esses agentes estão correlacionados, contudo, permanecem em constante disputa pelo espaço.

Quanto à população local, observa-se à proporção que o turismo cresce, os indivíduos residentes e grupos locais são remanejados para áreas distantes do espaço turístico. Embora sejam parte da história e cultura, muitas vezes são reduzidos a mão de obra barata, não condizente com a imagem que o destino busca passar (Meliani, 2011; Pereira & Sancho-Pivoto, 2020).

Outro fator significativo para segregação socioespacial em cidades turísticas é a grande quantidade de empreendimentos criados e administrados por pessoas de outras regiões, interessadas no capital que a terra pode proporcionar, anulando os indivíduos locais, criando e recriando significados e se apropriando do espaço alheio para promoção turística em um jogo de relações de poder (Ruschmann; Solha, 2006).



O desenvolvimento urbano influenciado pelo turismo aumenta o custo de vida nessas localidades, fazendo com que os próprios moradores não tenham condições de pagar pela moradia em local digno, sendo obrigados a ocupar áreas marginalizadas nas cidades (Moreira, 2013; Santana, Silva & Guidice, 2020).

Além disso, o fluxo migratório é um fator notório em cidades turísticas. Indivíduos abastados economicamente visitam a cidade, retornando posteriormente para morar em locais privilegiados, colaborando para a supervalorização do preço da terra. Por outro lado, esse fluxo também é composto por pessoas em busca de trabalho. Essas pessoas, assim como os moradores, se direcionam para áreas periféricas, inflando os espaços, onde a população vive marginalizada e segregada (Roscoche, 2013). O poder público é tido como um dos principais agentes propagadores da segregação socioespacial, priorizando a questão econômica, abrindo brechas e atendendo demandas dos empresários e do mercado (Fratucci, 2014).

“Algumas cidades, podem até mesmo chegar a redefinir sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico” (Roscoche, 2013, p. 822). Isso é explicado por Ruschmann e Solha (2006), pois, historicamente, as pessoas que viajam exigem que o destino satisfaça suas necessidades, por meio de infraestruturas que sejam relativamente similares ou melhores que o local de origem. Assim, a gestão pública cria tais estruturas conforme a demanda dos turistas nos espaços que foram modificados para o turismo, mas deixam de lado os espaços marginalizados. Não obstante, Fratucci (2014) comenta que à medida que os turistas ignoram alguns espaços e fixam-se em outros, os empreendimentos vão sendo criados, e em seguida a infraestrutura básica para que a atividade ocorra e atraia novos visitantes.

Maria Laura Silveira, com base no legado de Milton Santos, nomeou em sua pesquisa essas porções dos espaços, selecionadas conforme os mais diversos interesses, como território usado. Usado pois as relações que se criam sobre ele, são alimentadas pelo capital, o que faz com que sejam áreas privilegiadas. Em contrapartida, outras áreas não tão relevantes financeiramente, por estarem em posição geográfica de pouco interesse, seriam consideradas como não utilizadas (Santos, 2006; Silveira, 2011).

Enquanto isso, Coelho *apud* Marc Augé (2004), denomina os locais que sofrem modificações e segregam a população para utilização e criação da paisagem turística, como não lugares. Os não lugares seriam espaços turísticos que artificializariam o próprio espaço. São caracterizados assim, pois foram “construídos para satisfazer o sonho dos turistas, compreendendo os novos complexos hoteleiros, parques e até cidades



que oferecem ao turista um ambiente exótico, mas sem contato direto com a realidade do lugar” (Krippendorf, 2000, p.85).

Meliani (2011), infere que a partir de 1990, com o advento do turismo em diversas cidades litorâneas do Nordeste, houve crescimento populacional, bem como crescimento urbano, principalmente no eixo Leste-Oeste das localidades. No eixo Leste, onde estão as praias, houve o aumento de propriedades privadas, cercadas com muros e os empreendimentos do *trade* turístico. Já no eixo Oeste, distante do litoral, o crescimento de casas de moradia popular.

Meliani (2011), refere-se ao eixo Leste como um espaço proibido à população local, pois muitas praias e áreas públicas foram privatizadas, inviabilizando o acesso para aqueles que não podem pagar pelo espaço. Para mais, casas históricas foram derrubadas, cedendo lugar a construções modernas, que em alguns casos não condizem com a história dos locais. O mesmo autor compreende que as transformações dos destinos turísticos privatizam os espaços para mercantilização, portanto, os próprios indivíduos locais antes frequentadores, não participam da dinâmica criada pelo turismo e não se veem nela além de fornecedores de mão-de-obra.

O crescimento do turismo em diversas cidades se dá pela hegemonia do mercado e o aval do estado, proporcionando o desenvolvimento em algumas partes consideradas relevantes para o setor, mas mantendo estagnado outros espaços onde vive boa parte da população de baixa renda das cidades, que migram para esses locais a partir do momento que os espaços revitalizados e os serviços nele existentes adquirem alto valor e perdem sua essência (Moreira, 2013; Santana, Silva & Guidice, 2020).

Em quase todas as cidades turísticas do Brasil, observam-se diversos aspectos que configuram a segregação socioespacial, de modo que os moradores locais, os quais deveriam ser os mais beneficiados pelo turismo, tornam-se os mais prejudicados (Krippendorf, 2000; Meliani, 2011).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é caracterizada pela pesquisa bibliográfica. Para descrever os bairros que foram estudados em Trancoso e, conseqüentemente, identificar os aspectos de segregação socioespacial local, fez-se necessário a pesquisa de campo.

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória, pois utilizou fontes já existentes para relacionar com os dados levantados pelo pesquisador. Esse tipo de



estudo é considerado para compreender completamente o fenômeno por meio de análises empíricas, que são as experiências sensoriais do pesquisador. Já as análises teóricas são as bases de outros pesquisadores e funcionam como suporte (Marconi; Lakatos, 2021).

A abordagem da pesquisa apoia-se no método qualitativo, ou seja, voltado para compreensão e entendimento de problemas sociais, através de interpretações gerais e subjetivas, pressupostas de teorias que impulsionam o ponto de partida do estudo (Creswel, 2021).

Para a coleta de dados foi utilizado a observação direta não participante, caracterizada como a descrição dos quatro sentidos (visão, olfato, tato, audição), de fenômenos, eventos, condição ou natureza de objetos, sem que haja envolvimento com o grupo estudado (Sordi, 2017; Walliman, 2015).

Pontua-se a necessidade de se pré-estabelecer sobre o que observar, com fins a concentrar-se no objeto estudado (Creswel, 2021). Sendo assim, para identificar os aspectos de segregação socioespacial entre os espaços turísticos e bairros de Trancoso, tomaram-se como norteadores, os indicadores da segregação objetiva, propostos por Roma (2008), sendo condições de habitação e moradia, mobilidade e acessibilidade ao local de moradia, rede de abastecimento de água e energia, coleta de resíduos e esgoto, equipamentos de saúde pública, educação, transporte e acesso ao lazer. Walliman (2015), infere sobre a utilização de instrumentos que registram com precisão o que é observado. Portanto, recorreu-se ao uso da fotografia para comprovar o que estava sendo descrito.

Trancoso possui os seguintes bairros em sua divisão administrativa urbana: Quadrado; Centro; Colina; Trancosinho; Condomínio 2000; Xandó; Maria Viúva e Mirante do Rio Verde. Para a finalidade da pesquisa, optou-se pela zona urbana do distrito, sendo que dos 8 bairros, 5 foram estudados como recorte espacial, abarcando cerca de 70% da totalidade existente, sendo escolhidos os que são considerados espaços turísticos e verticalidades e aqueles de uso e abrigo dos residentes, as horizontalidades. A descrição foi feita entre os meses de outubro a dezembro de 2022 nos bairros Trancosinho, Maria Viúva e Mirante do Rio Verde, pois são os bairros que abrigam maior parcela da população local e, ainda, no Centro e Quadrado, que são as localidades utilizadas pelo turismo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trancoso é um distrito pertencente ao município de Porto Seguro, na Costa do Descobrimento, Extremo Sul do Estado da Bahia. Localiza-se a aproximadamente 40 quilômetros ao sul da sede do município, via travessia de balsa, e a 77 quilômetros via BA-00, passando pelo distrito de Vale Verde. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), o último que estima a população distrital, a localidade contava com cerca de 11.006 mil habitantes.

Ocupando uma área de 278,7 quilômetros dentro de Porto Seguro, o distrito possui clima tropical, com temperaturas que variam entre 20°C e 35°C. Integra em sua área litorânea a Área de Proteção Ambiental (APA) Caraíva/Trancoso e na sua porção Oeste é margeado pelo Parque Nacional do Pau Brasil (PNPB). É caracterizado pelo relevo acidentado e a presença de falésias; possui uma bacia hidrográfica significativa, além de diversas praias paradisíacas. Desse modo, sendo um local de forte atração turística (Pinto, 2016).

A história de constituição do distrito perpassa por cinco ciclos, sendo o primeiro após a colonização portuguesa, por volta de 1549 a 1759, com o período da catequização e amansamento dos indígenas para tráfico e exploração por parte da coroa portuguesa, com a criação do aldeamento jesuíta nomeado Aldeia São João Batista (Silva, 2006)

O segundo ciclo, entre 1759 a 1895, marcado como o período de criação do plano arquitetônico, expansão populacional com a chegada de indivíduos escravizados que fugiam de fazendas da região e elevação do aldeamento a vila, tendo o nome Vila Nova de Trancoso, mais tarde sendo somente Trancoso (Carneiro; Agostinho, 2004).

O terceiro ciclo, entre 1895 e 1970, com declínio e esvaziamento da vila; o quarto de 1970 a 1990 com a redescoberta de Trancoso pelos biribandos, nome popular dado aos jovens que viviam o movimento de contracultura *hippie*, em um período de ditadura militar, migrando de grandes centros urbanos do Sudeste, para viver em comunidades isoladas, entre elas Trancoso. Jovens que passaram a integrar a cultura local, ocupando e comprando terrenos e algumas casas da Praça São João, iniciando o processo de urbanização, auxiliando na chegada das primeiras estruturas, como luz elétrica e abertura de estradas, além de contribuir para divulgação das belezas de Trancoso para o mundo, atraindo outros novos moradores (Carneiro; Agostinho, 2004).

O quinto ciclo representa o período de 1990 até a contemporaneidade, o advento do turismo através dos recursos e investimentos do Programa Nacional de



Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) entre 1995 e 2004, que projetaram Trancoso para o mundo, fazendo com que uma série de equipamentos do *trade* turístico adentrassem no espaço, bem como empreendimentos e infraestruturas nos locais de interesse turístico, atraindo investidores, pessoas em busca de emprego e turistas, transformando um pequeno distrito em um local global, ocasionando na segregação dos residentes para novos bairros (Silva, 2006).

Antes da descrição individual de cada bairro, cabe aqui destacar algumas características gerais que são comuns nas porções de espaço do distrito. Com relação aos moradores locais, tem-se uma grande diversidade de culturas, muitos sotaques nacionais distintos, indicando a presença de outros estados, bem como idiomas distintos, não somente de visitantes, mas de pessoas que residem no local, evidenciando a presença de estrangeiros, principalmente no Quadrado e Centro de Trancoso. Características comuns de espaços turísticos que atraem pessoas de diversas regiões do mundo (Roscoche, 2013; Ruschmann; Solha, 2006).

Nos bairros mais distantes, observam-se as horizontalidades, onde estão boa parte da população que trabalha nos empreendimentos turísticos, tanto indivíduos nascidos no local, quanto daqueles provenientes de cidades das redondezas ou de outros estados. Corroborando com a ideia de Meliani (2011) sobre expansão da população por pessoas que migram em busca de emprego e residem em bairros marginalizados junto dos indivíduos autóctones.

Nota-se a inexistência de serviços de transporte público que interliguem os bairros, e até mesmo que leve à cidade sede Porto Seguro ou outros distritos. Os meios de transporte são privados ou alternativos, como o moto táxi e as vans, bem como uma empresa privada que possui poucos horários de ônibus disponíveis com um valor médio de R\$15,00 até a balsa que dá acesso à Porto Seguro. A falta de transporte público em Trancoso denota o descaso do poder público com relação à mobilidade no distrito, sendo um indicador de segregação socioespacial (Roma, 2008).

Vale ressaltar que no período de alta temporada são colocados ônibus extras para atender a demanda turística, indicando, portanto, como demonstrado por Moreira (2013), que se tem priorização dos serviços quando há um maior número de turistas e não por demanda dos moradores. Contudo, seja no período de alta ou baixa temporada, observa-se certa dificuldade em encontrar transportes para fora do distrito a partir das 18 horas.



O distrito não possui hospital e sim uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) para toda a localidade, incluindo turistas e moradores, atendendo casos de baixa complexidade. Há apenas uma ambulância disponível para levar casos mais graves ao Hospital Regional Deputado Luís Eduardo Magalhães, distante cerca de 70 quilômetros, um fator de dificuldade em período de chuvas pela precariedade das estradas ou de alta temporada em que a população triplica e, conseqüentemente, a demanda por serviços básicos como a saúde também aumenta.

Quanto à segurança pública, Trancoso é servido por um pequeno batalhão da Polícia Militar. Entretanto, não possui delegacia do turista, da mulher ou posto do Corpo de Bombeiros. Existe apenas uma escola estadual que fornece o ensino médio e três escolas municipais que fornecem o ensino fundamental para comportar todo o quantitativo de jovens e crianças da rede pública de educação, todas nos arredores do Centro do distrito. Observa-se a falta ou precariedade de serviços públicos básicos em Trancoso como um todo, entre eles saúde, educação, segurança e mobilidade, havendo dependência de Porto Seguro, que por meio da gestão pública incentiva o desenvolvimento e apoia os agentes do mercado que são as verticalidades sobre o distrito, favorecendo a segregação socioespacial, embora com nuances diferentes, em toda localidade. A seguir, apresentam-se os resultados detalhados de cada bairro estudado com base na observação.

Quadrado

O Quadrado além de ser um bairro, é o principal atrativo turístico de Trancoso, se resume na Praça São João, onde está localizada a Igreja São João Batista e as casas históricas, compreendendo ainda as adjacências. A Praça São João foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), segundo Decreto N° 72.107, de 18 de abril de 1973, por se tratar de um local de grande valor histórico, vinculado a memória local e nacional (Brasil, 2023).

Atualmente, nas casas históricas do Quadrado encontram-se diversas pousadas e restaurantes para atender a demanda turística de Trancoso. A decoração é rústica e ao mesmo tempo busca requinte, com muitas luminárias ao longo da praça, em frente aos empreendimentos, mesas e cadeiras de madeira nobre e fachadas minimalistas, com foco em atrair o turista que almeja simplicidade e luxo.

Representa-se desse modo, o consumo do espaço pelo turismo, como aponta Roscoche (2013), sendo nesse caso o Quadrado alvo desse consumo, por outro lado, suas novas



características não representam a realidade da antiga aldeia local, pelo contrário, afastam-nas para as margens.

Todas as ruas que margeiam o Quadrado possuem calçamento (com exceção das partes tombadas), são sinalizadas e controladas por agentes de trânsito, bem como possuem fornecimento de água e energia, além do esgotamento sanitário, para que não chegue nenhum detrito as praias. A coleta de lixo é feita em dois períodos, matutino e noturno, havendo a presença de diversas lixeiras espalhadas pelo espaço. A maioria das ruas é arborizada. Percebe-se a valorização por se tratar de um espaço turístico controlado pelos agentes turísticos internacionais ou verticalidades hegemônicas.

Nota-se que o perfil dos turistas que se hospedam em Trancoso é majoritariamente de pessoas que possuem alto poder aquisitivo, demonstrado, inclusive, pelos valores das diárias na rede hoteleira, que variam entre R\$500,00 a R\$5.000, 00 no Quadrado ou pelos pratos dos restaurantes que possuem alto valor, havendo exceções desse perfil de visitante quando se trata dos excursionistas, que em sua maioria buscam as praias locais, mas não se hospedam ou consomem em Trancoso.

Os turistas que visitam Trancoso estão entre os que possuem a maior faixa de renda, e os que estão mais dispostos a gastar durante a viagem, se comparado aos que visitam outros destinos baianos e do Nordeste (Cristine, 2018). Observa-se que o perfil de turismo de luxo trouxe alguns empreendimentos comuns a grandes centros, como denota a figura 1 e 2.

Figura 1

Fachadas de lojas no Quadrado



Fonte: Os autores (2022).



Figura 2

Empreendimentos do Quadrado



Fonte: Os autores (2022).

A figura 1 apresenta algumas lojas de padrão internacional, que possuem filial em Trancoso e estão instaladas no Quadrado. Pode-se então inferir que as lojas estão alocadas nesse espaço pois os indivíduos frequentadores possuem condição de adquirir tais produtos. Ademais, demonstram a influência global do mercado sobre o espaço. Compreende-se que a segregação socioespacial em cidades turísticas se dá ainda pela oferta de serviços e produtos nos locais de interesse do setor, como pontua Roscoche (2013). Desse modo, a presença dessas lojas indica, também, um processo de valorização desse espaço.

A figura 2 denota que para além das lojas de artigos de vestuário, das pousadas e restaurantes, existe ainda no Quadrado banco 24 horas, conveniências, padarias, mercados, farmácia, agências de receptivo turístico e locadoras de veículos. Santos (2006), compreende que a hegemonia vertical ordena os espaços e os configura em benefício próprio. Assim, o Quadrado que era antes uma aldeia indígena e quilombola,



transforma-se por conta do turismo em um espaço que oferece diversos serviços turísticos.

Além disso, nos espaços privados do Quadrado, ocorrem *shows* ao vivo e apresentações culturais. Há, ainda, presença de casas privadas de veraneio modernas localizadas na porção da Rua Cuba e Rua do Telégrafo que atravessam o bairro, equipadas com grandes muros, câmeras e seguranças.

Observa-se que a maior parte dos indivíduos que transitam pelo local são turistas, uma outra parcela é de moradores que vestem os uniformes dos empreendimentos, mas moram em outros bairros do distrito. A não participação dos moradores locais nas dinâmicas criadas pelo turismo no Quadrado adverte sobre o rompimento dos laços culturais com o espaço, causado pela segregação, como aponta Carlos (2020), Rodrigues (2020) e Pereira & Sancho-Pivoto (2020).

Entre o Quadrado e o Centro evidencia-se um elevado número de imobiliárias que comercializam os condomínios, casas de luxo e lotes privilegiados de frente para o mar. Um notório aspecto de especulação imobiliária e estruturação hegemônica vertical.

Centro

O Centro de Trancoso comporta grande parte das estruturas do comércio existente no distrito, como supermercados, padarias, farmácias, lojas de móveis e eletrodomésticos, artigos de vestuário, materiais de construção e outras. A maior parte está presente na avenida principal, que possui o nome Estrada de Itabela, cortando o eixo Leste-Oeste, desde a entrada do distrito até o início do Quadrado.

Para mais, examina-se um grande número de pousadas e de casas de veraneio, principalmente nas ruas fronteiriças ao Quadrado, como a Rua Jovelino Vieira, popularmente conhecida como Rua das Pousadas. Com relação à estruturação urbana, nota-se a presença das redes de abastecimento de água e energia, bem como coleta de lixo similar à do Quadrado, em dois turnos. Quanto a alguns aspectos estruturais, pode-se observar a figura 3 e 4.

Figura 3

Bueiros no Centro de Trancoso



Fonte: Os autores (2022).

A figura 3 demonstra que há esgotamento sanitário no centro e que existe pavimentação nas principais ruas, indicando a valorização dessa localidade, através de parte das infraestruturas básicas de uma cidade. Contudo, em muitas ruas do Centro, principalmente as que ainda possuem casas populares, não há pavimentação ou calçamento, demonstrando a influência das empresas sob o poder público que mantêm cuidado principalmente as ruas que possuem relação com o fluxo turístico, de forma que obras consequentemente beneficiam esses empreendimentos.

A figura 4 destaca a Rua Castro Alves em duas porções diferentes, devido a intermitência. A parte superior indica a porção da rua que possui sobrados de classe popular, com baixa ou nenhuma circulação de turistas. Na parte inferior, a porção da



mesma rua, porém em uma via utilizada para deslocamento dos transportes turísticos que levam os visitantes as pousadas próximas. Indica-se que no próprio Centro existem discrepâncias, assim como apontado por Fratucci (2014), inferindo que a porção escolhida pelos turistas é aquela onde chega a infraestrutura. Além da Rua Castro Alves, diversas outras Ruas do Centro não possuem pavimentação. Como a Rua Tiradentes; Rua Machado de Assis; Rua Rui Barbosa e outras, com casas populares em alvenaria. Enquanto na Rua Tancredo Neves e Rua Carlos Chagas, onde localizam-se casas de classe média e algumas pousadas, existe pavimentação e calçamento. Observa-se, ainda, que as ruas do Centro, as quais estão próximas ao Quadrado, onde circulam os turistas, no sentido leste, estão em constante manutenção, são mais largas, sem nenhum impedimento para passagem. Em contrapartida, ruas no sentido oeste do Centro, são estreitas, sem pavimentação, com entulhos e restos de construção nas laterais. Moreira (2013), compreende a falta de estrutura em cidades turísticas, devido ao crescimento acelerado, e o olhar para algumas partes visíveis em detrimentos de outras não circuláveis pelos visitantes.

Trancosinho

O bairro Trancosinho está localizado na porção Noroeste do distrito de Trancoso, é o bairro mais próximo ao Centro e ao Quadrado. A maior parte das moradias é de classe popular e se localiza em uma região de encostas, próximo a fragmentos de mata atlântica, como visto na figura 5.

Figura 5

Vista Parcial do bairro Trancosinho



Fonte: Os autores (2022).

A figura 5 demonstra boa parte da realidade desse bairro, com casas em alvenaria, sem pintura, conglomeradas entre si, em terreno acidentado. Ferreira (2005), analisa que com o esgotamento das terras devido a sua valorização, os indivíduos são direcionados para lugares impróprios para habitação. Desse modo, algumas ruas do bairro possuem asfaltamento, porém a maior parte é estreita de chão batido, havendo buracos, e ainda há presença de diversos becos.

Com relação às redes de abastecimento, o bairro possui fornecimento de água e energia, e coleta de lixo uma vez ao dia. No entanto, o esgotamento sanitário apresenta defasagens, em algumas partes havendo o serviço, e em outras a presença de fossas ou improvisos dos próprios moradores, como evidenciado na figura 6.

Nos bairros onde não existem escolas e nem posto de saúde, os comércios presentes são poucos. Enquanto no Quadrado e Centro existem diversas lojas, os bairros contam apenas com mercearias, padarias e bares, algumas ruas parecem nunca ter tido atenção do poder público local, como mostrado na figura 7.

Figura 6

Esgoto a céu aberto



Fonte: Os autores (2022).



Figura 7

Ruas e Becos do Trancosinho



Fonte: Os autores (2022).

Nota-se na figura 6 a presença de canos que descartam nas ruas de terra, o esgoto das casas que escorrem pelas ladeiras e becos íngremes até encontrar um pequeno córrego, que passa nos fundos do bairro. Uma realidade bem diferente do Quadrado, espaço turístico, a apenas 1 quilômetro. A figura 7 demonstra alguns becos e ruas por onde circulam os moradores, que percorrem o caminho para chegar ao trabalho, locais que não possuem nenhum tipo de estrutura, pelo contrário, constituem-se de valas e buracos, trazendo risco para os que transitam. Observa-se que por eles caminham indivíduos com uniformes de empreendimentos turísticos, no ir e vir do Quadrado, Centro e praias, confirmando que no bairro as pessoas de baixa renda moram, mas não usufruem dos mesmos serviços e infraestruturas que os turistas.

Maria Viúva

O Bairro Maria Viúva é um dos bairros mais distantes do Centro e do Quadrado, a aproximadamente 5 quilômetros. A sua localização situa-se em meio a vestígios da Mata Atlântica, em terreno acidentado, com algumas partes planas e encostas.

Santos (2006) compreende a verticalização como hegemonia de uma classe que ordena o uso do espaço, enquanto Roma (2008), infere que a classe dominante ocupa o Centro e



as áreas mais valorizadas da cidade, empurrando os indivíduos para as margens, formando horizontalidades. Dessa forma, o bairro Maria Viúva é claramente um local fruto da segregação socioespacial em Trancoso, sua localização torna-se recôndita, ficando praticamente impossível para os visitantes imaginarem ou visualizarem essa parcela do distrito.

Em referido bairro, as casas são de moradia popular, a maioria em alvenaria, porém sem reboco ou pintura, algumas apresentando a presença de janelas e portas improvisadas com sacos e lonas. Apenas uma rua possui pavimentação e a grande maioria delas é de areia, com buracos e valas. As ruas que estão nas encostas apresentam indícios de favelização com conglomerados de casas demonstrado pela figura 8.

Além disso, o Maria Viúva não possui serviço de esgotamento sanitário, havendo diversas fossas individuais das residências. A água do bairro não chega através da mesma companhia de abastecimento, que fornece para o Quadrado, Centro e Trancosinho. Ela vem por meio de dois poços perfurados no próprio local, improvisados pela Prefeitura de Porto Seguro com manutenção feita pelos moradores. Existe o fornecimento de energia, porém a coleta de lixo, outro serviço público, ocorre somente três vezes na semana, ocasionando na presença de lixo ao longo das ruas.

Figura 8

Ruas e casas do Bairro Maria Viúva



Fonte: Os autores (2022).



Mirante do Rio Verde

O bairro Mirante do Rio Verde é um bairro relativamente pequeno, sendo um dos mais novos de Trancoso, fruto da ocupação de moradores que não podiam pagar pelo preço da terra em outros espaços do distrito. Lefebvre (1999), indica que os agentes hegemônicos colocam valores sobre a terra. Já Gesteira (2019), aponta que as terras valorizadas e suas adjacências sofrem um processo de especulação feita pelo mercado imobiliário, fazendo pressão sobre os moradores residentes até que esses recuem para outras localidades, podendo ser esse um dos motivos da formação do bairro em questão.

A maior parte do bairro encontra-se em local plano, com algumas leves inclinações. Evidencia-se que boa parte da porção de Mata Atlântica cedeu lugar às atuais casas, havendo ainda diversos lotes em meio a esse tipo de vegetação, com indicativos de novas construções, fazendo-se acreditar que o bairro possui tendências ao crescimento e que o processo de segregação socioespacial encontra-se crescente em Trancoso.

Essa tendência configura as teorias de Ferreira (2005) e Roma (2008), caracterizadas pela fuga e escoamento dos indivíduos dos espaços de ação do mercado, para o isolamento em locais distantes em áreas de proteção ambiental, sem nenhuma infraestrutura, bem como aos apontamentos de Santos (2006) sobre a formação de horizontalidades contíguas.

A distância do Mirante do Rio Verde até o Quadrado e Centro é de aproximadamente 3 quilômetros. As casas desse bairro são de moradia popular, a maior parte em alvenaria, similares a do bairro Maria Viúva. Não existe pavimentação ou calçamento em nenhuma das ruas, como mostra a figura 9.

Nota-se, ainda, no Mirante do Rio Verde a presença mais enfática de muros, se comparado a outros bairros segregados no distrito, o que pode ser um indicador de melhores condições financeiras dos moradores, bem como aderência a padrões de grandes centros ou um indício de maior criminalidade na localidade pela falta dos serviços de segurança pública, como aponta Roma (2008).

Assim como no bairro Maria Viúva, existe no Mirante fornecimento de energia, no entanto, a água também vem através de um poço improvisado pela prefeitura que bombeia para as caixas d'água. A coleta de lixo ocorre três vezes na semana, fazendo das ruas grandes lixões, como mostra a figura 10.



Figura 9

Ruas do Bairro Mirante



Fonte: Os autores (2022).

Figura 10

Lixo nas ruas do bairro



Fonte: Os autores (2022).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o distrito possui diversos aspectos relacionados à segregação socioespacial, entre as áreas turísticas e os bairros mais marginalizados. No entanto, verificou-se que Trancoso como um todo é segregado em relação à sede Porto Seguro, de modo que a gestão pública abre brechas para o mercado turístico que assume um papel de verticalidade sobre o distrito, interferindo convenientemente em obras e serviços como transporte público, atendimento hospitalar adequado, segurança pública, infraestrutura urbana, existente em poucos bairros selecionados por interesse, porém ainda de forma precária, conferindo a todo o distrito características de um lugar socioespacialmente segregado.

Notou-se que dentro do próprio lugar segregado existem segregações, as verticalidades que ocupam o Quadrado fazem dele um local estruturalmente privilegiado em relação aos outros bairros. Desse modo possui a maior atenção do poder público por se tratar de um espaço turístico que atrai retornos financeiros. Nele estão quase todas ruas que são pavimentadas no distrito, bem como coleta seletiva diária, esgotamento sanitário, fornecimento de água e energia adequados. Também, é o espaço que concentra o maior número de estabelecimentos do *trade* turístico, lojas de grife, casas de alto padrão e onde estão os turistas e moradores de classe alta. O Centro tornou-se local dos comércios básicos, alguns equipamentos turísticos, dos poucos serviços públicos existentes e de uma pequena parte da população que resiste as ações da especulação imobiliária.

Em outra porção do território de Trancoso, estão as horizontalidades com os bairros Trancosinho, Maria Viúva e Mirante do Rio Verde. Todos convivendo com a segregação, com boa parte das ruas sem calçamento, alguns não havendo esgotamento sanitário, racionamento na coleta seletiva, fornecimento de água improvisado, poucos ou nenhum comércio próximo, abrigando casas de classe popular, onde residem a população autóctone, demonstrando uma outra realidade, mascarada dentro de um mesmo distrito que se coloca enquanto destino turístico de luxo. Nesses espaços não há, ainda, o interesse dos grupos hegemônicos. Logo, o poder público também não atua corretamente.

Cabe destacar que o intuito foi entender uma problemática causada pelo turismo mal planejado, para que ações e políticas públicas possam ser criadas com base em uma política do turismo que não crie bolhas e afastamentos, mas que seja agregadora e traga estruturas para todas as porções do espaço e seus indivíduos.



Por fim, a pesquisa colabora com a bibliografia sobre segregação socioespacial e turismo, além de trazer informações para novos estudos e criação de políticas públicas que reduzam os aspectos da segregação socioespacial mencionados, bem como estudos que identifiquem outras dimensões da segregação no intuito de compreender como os moradores se sentem em relação aos usos do espaço em Trancoso ou outros locais que passam por similar problemática.

REFERÊNCIAS

- Beni, M. C. (2012). *Turismo, planejamento estratégico e capacidade de gestão: desenvolvimento regional, rede de produções e clusters*. Barueri, SP: Manole.
- Brasil. (2022). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Panorama de Porto Seguro*. <https://encurtador.com.br/bDGJQ>
- Brasil. (2023) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. *Porto Seguro (BA)*. <https://encurtador.com.br/rEQ56>
- Carlos, A. F. A. (2020). Segregação socioespacial e o “direito a cidade”. *Geousp – espaço e tempo*. São Paulo/SP, 24 (3), p. 412-424. <https://encurtador.com.br/dqy39>
- Carneiro, F., Agostinho, C. (2004). *Nativos e biribandos: memórias de Trancoso*. São Paulo: do autor.
- Coelho, C.N. (2004). Não lugares: uma leitura crítica sob a ótica do turismo. In *Anais do II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*. Caxias do Sul/RS. <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/13-nao-lugares.pdf>
- Creswell, J. W. (2021). *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, RS: Penso.
- Cristine, D. (2018). Quem conhece volta: 62% dos turistas que visitam destinos baianos estão retornando ao local. *Agencia Sebrae de Notícias*. <https://encurtador.com.br/bzRVW>
- Ferreira, J. S. W. (2005). A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. In *Anais do Simpósio “Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização”*. Bauru/SP. <https://encurtador.com.br/qBX34>
- Fratucci, A. C. (2014). Turismo e território. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro/RJ, 14(1), p. 87-96. <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1018>
- Gesteira, L. A. M.G. (2019). Analisando os conceitos de renda da terra e o valor do solo a partir da lógica da especulação imobiliária: um estudo sobre o município de Barra dos Coqueiros/SE. *Revista Caminhos da geografia*. Uberlândia/MG, 20(72), p. 422-432. <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/46572>
- Ignarra, L. R. (1999). *Fundamentos do turismo*. Rio de Janeiro: SENAC.



- Krippendorff, J. (2000). *A sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Lefebvre, H. (1999). *A Revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.
- Malta, G. A., Braga, S., Barbosa, M. F. P. (2019). Concepções de desenvolvimento econômico e a compreensão do papel do turismo na redução da pobreza. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo/SP, 13 (2), p. 16-31. <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/YvNcnyqvynFjzRKFhtBxGhD/?format=pdf&lang=pt>
- Marconi, M. A. Lakatos, E. M. (2021). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo/ SP: Atlas.
- Meliani, P. F. (2011). Turismo, urbanização e produção de espaços de exclusão em Itacaré, Bahia. *Revista de Cultura e Turismo*. Ilhéus/BA, 5 (2), p. 125-142. <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/384>
- Moreira, G. L. (2013). A reprodução do espaço urbano na cidade de Ilhéus: turismo, segregação e mercantilização do espaço. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*. Sobral/CE, 15 (1), p. 32-48. <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/138>
- Pereira, L. S. Sancho-Pivoto, A. (2020). Planejamento urbano, turismo e segregação socioespacial: o caso da Curva do Lacet em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. *Revista Turismo, visão e ação*. Balneário Camboriú/SC, 22 (1), p. 141-161.
- Pinto, G.R. (2016). *Novas tendências do direito ambiental*. Brasília: UniCEUB: ICPD.
- Rodrigues, D. M. (2020). A história da segregação racial construída, mantida e contada pela produção do espaço urbano no país. In *Anais do VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Brasília/DF. <http://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21581.pdf>
- Roma, C.M. (2008). *Segregação socioespacial em cidades pequenas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente/SP.
- Roscoche, L. F. (2013). Turismo no meio urbano e a segregação socioespacial: revisitando problemáticas. *Revista Turismo e Sociedade*. Curitiba/PR, 6(4), p. 814-834. <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/33240/22380>
- Ruschmann, D. V. M., Solha, K. T. (2006). *Planejamento turístico*. Barueri, SP: Manole.
- Santana, M. O., Silva, M. P., Guidice, D. S. (2020). O papel do turismo nas transformações espaciais no litoral da Região Metropolitana de Salvador: o caso de Mata de São João. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR)*. São Paulo/SP, 14 (3), p. 68-88. <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/6mSsYmgV8q6fxzsyLSLy5kP/?format=pdf&lang=pt>



- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- Silva, L.T. (2006). *Cultura, turismo e identidade local: impactos socioculturais sobre a comunidade receptora de turismo, Trancoso, Porto Seguro/BA*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA.
- Silveira, M. L. (2011). Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. *Ciência e geografia*. Bauru/SP, 15 (1), p. 1-9. <https://abre.ai/hf6M>
- Sordi, J. O. (2017). *Desenvolvimento de Projeto de Pesquisa*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Walliman, N. (2015). *Métodos de Pesquisa*. São Paulo, SP: Saraiva.

INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

- *1 Mestrando no Programa de Pós Graduação em Turismo - PPGTur da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: jcestanislau18@gmail.com
- *2 Mestrando no Programa de Pós Graduação em Turismo - PPGTur da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: contatohenrirodrigues@gmail.com
- *3 Mestranda no Programa de Pós Graduação em Turismo - PPGTur da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: mirellacosta062@gmail.com

REVISTA CIENTÍFICA ATELIÊ DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**